

Vitimização por *bullying* e senso de comunidade escolar: prevalência e fatores associados*

doi: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v41n2.105071>

- | | |
|------------------------------------|---|
| 1 Waldemar Brandão-Neto | 5 Wanderlei Abadio de Oliveira |
| 2 Taislane Gomes de Lima | 6 Jael Maria de Aquino |
| 3 Willams Pierre Moura da Silva | 7 Giselia Alves Pontes da Silva |
| 4 Ana Virginia Rodrigues Veríssimo | 8 Estela Maria Leite Meirelles Monteiro |

Resumo

Objetivo: analisar fatores sociodemográficos, escolares e de percepção da escola associados à vitimização por *bullying* entre estudantes.

Materiais e método: estudo de corte transversal conduzido com 392 adolescentes de uma escola pública estadual de Pernambuco, nordeste do Brasil. Os dados foram coletados em 2018 com a aplicação de dois instrumentos: Questionário *bullying*, adaptado de Olweus, e Escala de Percepção da Escola como Comunidade. Na análise, foram adotados o teste qui-quadrado ou exato de Fisher e o *t* de Student.

Resultados: a taxa de prevalência para a vitimização foi de 23,2%, com maior ocorrência entre meninos, que apresentam famílias com baixa renda, baixo desempenho escolar e relatos de solidão na escola. Formas diretas de *bullying* foram maiores nos meninos, enquanto as formas indiretas, nas meninas. As vítimas apresentaram maior dificuldade em criar relações interpessoais positivas e perceber sentimentos de colaboração, ajuda e proximidade na relação com os pares e seus professores.

Conclusões: os achados reforçam a relevância de programas de intervenção do *bullying* que considerem o aumento do sentimento de pertencimento do adolescente com a comunidade escolar, o que requer o engajamento dos atores sociais no planejamento das estratégias de intervenção/enfrentamento baseadas no protagonismo dos estudantes, com a colaboração da enfermeira escolar.

Descritores: *Bullying*; Saúde do Adolescente; Pertencimento; Desempenho Acadêmico; Serviços de Enfermagem Escolar (fonte: DECS, BIREME).

* Manuscrito proveniente da tese "Prevenção do *bullying* no contexto escolar: construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção mediado pelos Círculos de Cultura", Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

1 Universidade de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4786-9961>
Correio eletrônico: waldemar.neto@upe.br

Contribuição: concepção, coleta de dados, análise e interpretação de dados, revisão crítica do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

2 Universidade de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8290-1061>
Correio eletrônico: [taisanelima8@gmail.com](mailto:taisalnelima8@gmail.com)

Contribuição: tratamento, análise dos dados e escrita do artigo.

3 Universidade de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2735-5496>
Correio eletrônico: willams.pierre@upe.br

Contribuição: tratamento, análise dos dados e escrita do artigo.

4 Universidade de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4278-5315>
Correio eletrônico: virginia.verissimo@upe.br

Contribuição: revisão crítica do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

5 Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Campinas, São Paulo, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3146-8197>
Correio eletrônico: wanderleio@hotmail.com

Contribuição: análise, interpretação e discussão dos dados e revisão crítica do artigo.

6 Universidade de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6949-7217>
Correio eletrônico: jael.aquino@upe.br

Contribuição: revisão crítica do artigo.

7 Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5310-3420>
Correio eletrônico: giselia.silva@ufpe.br

Contribuição: revisão crítica do artigo.

8 Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5736-0133>
Correio eletrônico: estela.monteiro@ufpe.br

Contribuição: análise, interpretação e discussão dos dados, revisão crítica do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

Como citar: Brandão-Neto W; Lima TG; Silva WPM; Veríssimo AVR; Oliveira WA; Aquino JM; Silva GAP; Monteiro EMLM. Vitimização por *bullying* e senso de comunidade escolar: prevalência e fatores associados. Av. enferm. 2023;41(2):105071. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v41n2.105071>

Recebido: 03/10/2022

Aceito: 25/05/2023

Publicado: 05/06/2023



Victimización por *bullying* y sentido de comunidad escolar: prevalencia y factores asociados

Resumen

Objetivo: analizar factores sociodemográficos, escolares y de percepción escolar asociados a la victimización por acoso escolar entre los estudiantes.

Materiales y método: estudio transversal realizado con 392 adolescentes de una escuela pública en el estado de Pernambuco, nordeste de Brasil. Los datos fueron recolectados en 2018 con la aplicación de dos instrumentos: Cuestionario de *Bullying*, adaptado de Olweus, y Escala de Percepción Escolar como Comunidad. En el análisis se utilizaron la prueba chi-cuadrado, o prueba exacta de Fisher, y la prueba *t* de Student.

Resultados: la tasa de prevalencia de victimización fue de 23,2 %, con mayor ocurrencia entre individuos de sexo masculino, provenientes de familias de bajos ingresos, con bajo rendimiento escolar y relatos de soledad en la escuela. Las formas directas de *bullying* fueron mayores en los niños, mientras que las formas indirectas afectaron principalmente a las niñas. Las víctimas reportaron dificultad para establecer relaciones interpersonales positivas y percibir sentimientos de colaboración, ayuda y cercanía en la relación con sus compañeros y sus profesores.

Conclusiones: los hallazgos refuerzan la importancia de programas de intervención en contra del *bullying* que consideren el aumento del sentido de pertenencia de los adolescentes frente a su comunidad escolar. Esto requiere de la participación de diferentes actores sociales en la planificación de estrategias de intervención/afrontamiento basadas en el protagonismo de los estudiantes, en colaboración con los profesionales en enfermería adscritos a las instituciones educativas.

Descriptor: Acoso Escolar; Salud del Adolescente; Pertenencia; Rendimiento Académico; Servicios de Enfermería Escolar (fonte: DECS, BIREME).

Bullying victimization and sense of school community: Prevalence and associated factors

Abstract

Objective: To analyze sociodemographic, school-related, and school perception factors associated with bullying victimization among students.

Materials and method: Cross-sectional study conducted with 392 adolescents from a public school in the state of Pernambuco, northeastern Brazil. Data were collected in 2018 with the application of two instruments: the Bullying Questionnaire, adapted from Olweus, and the School Perception Scale as a Community. Data analysis involved the use of chi-square or Fisher's exact test and Student's *t* test.

Results: The prevalence rate for victimization was 23.2%, with a higher occurrence in boys, from families with low income, low school performance, and reports of loneliness at school. Direct forms of bullying were higher in male students, while indirect forms were higher among females. Victims had greater difficulty in creating positive interpersonal relationships and perceiving feelings of collaboration, help, and closeness in the relationship with their peers and teachers.

Conclusions: Our findings reinforce the relevance of bullying intervention programs that consider the increase in adolescents' sense of belongingness to their school community, which requires the engagement of social actors in the planning of intervention/coping strategies based on student protagonist role, with the collaboration of school nursing professionals.

Descriptors: Bullying; Adolescent Health; Belongingness; Academic Performance; School Nursing (font: DeCS, BIREME).

Introdução

O *bullying* é um importante problema de saúde pública que impõe desafios para pesquisadores, gestores e profissionais da educação e saúde (1). Há consenso na literatura de que o *bullying* é um tipo de comportamento agressivo que possui quatro características principais: frequência, intensidade e desequilíbrio de poder entre pares (2), e praticado de forma direta ou indireta por uma pessoa ou grupo (3). Podendo ocorrer em qualquer fase da vida, pesquisas mostram que é mais prevalente na adolescência (4), com aproximadamente 1 em cada 5 estudantes de 12 a 18 anos vítimas de *bullying* na escola (5). O relatório da Organização das Nações Unidas mostra que 32% dos estudantes relataram sofrer *bullying* nos últimos 30 dias (6). Na América Latina, a prevalência do *bullying* fica entre 20% e 30% (7). No Brasil, dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense) constataram aumento das prevalências de sofrer *bullying* nas capitais, de 5,4% em 2009 para 7,2% em 2012 e 7,4% em 2015 (8).

Tanto agressores quanto vítimas de *bullying* apresentam consequências graves em médio e longo prazo relacionadas à saúde em comparação aos adolescentes que não estão envolvidos no *bullying* (9). De particular preocupação são as repercussões negativas em alunos vitimizados, que experimentam problemas de saúde mental e física (3), como depressão (10), baixa autoestima (11), problemas de internalização (12), problemas de sono (13) e comportamentos suicidas (14), bem como efeitos negativos nas perspectivas de vida, incluindo o desempenho acadêmico, e associados à pior qualidade de vida (15).

As escolas servem como um fator importante para o ajuste socioemocional de crianças e adolescentes, uma vez que eles passam a dedicar mais tempo às atividades acadêmicas em sala de aula ou fora dela (16). Um maior apego e conexão social com a escola podem proteger os estudantes de vivenciarem situações de *bullying* (17), já que o senso de pertença é um construto que está relacionado à identidade com o ambiente escolar e à percepção de um lugar onde todos se cuidam e se preocupam uns com os outros, o que pode favorecer o vínculo e participação dos estudantes com os trabalhos escolares (18).

O conhecimento acerca da vitimização por *bullying* e a vinculação ao pertencimento escolar é escasso, assim como os eventuais acontecimentos implícitos capazes de afetar essa dinâmica (19). A partir

do entendimento do *bullying* enquanto fenômeno que se manifesta nas interações sociais, foi nosso interesse responder de que modo a vitimização altera o sentimento de coletividade na escola. Assim, o objetivo deste estudo é analisar fatores sociodemográficos, escolares e de percepção da escola associados à vitimização por *bullying* entre estudantes de uma escola pública.

Materiais e método

Este é um estudo de corte transversal conduzido em uma escola pública do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. O cenário foi selecionado a partir de um levantamento das escolas com o menor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, índice de qualidade da educação brasileira (20), além de estar localizada em comunidade de vulnerabilidade social. A escola possui aproximadamente um total de 750 alunos, com faixa etária que varia de 10 a 21 anos. Participaram adolescentes do 6º ao 8º ano do ensino fundamental II, com idades entre 10 e 18 anos, utilizando uma amostra por conveniência que totalizou 392 estudantes. Foram excluídos adolescentes não matriculados regularmente na escola e aqueles que estiveram ausentes no momento da coleta de dados em sala de aula.

Para a coleta de dados, foram adotados dois instrumentos de medida, um referente ao *bullying* e o outro, ao senso de comunidade escolar. Assim, para estabelecer a ocorrência do *bullying*, foi aplicado o questionário autoaplicável de Dan Olweus, adaptado para o Brasil (21), com uma consistência interna $\alpha = 0,80$. O instrumento está organizado em quatro blocos, sendo o primeiro relativo a dados socioeconômicos; o segundo, à identificação de comportamentos de vitimização por *bullying*; o terceiro, à identificação de comportamentos de agressão por *bullying* e o quarto bloco relativo à amizade e à socialização, bem como à percepção do participante sobre os recreios escolares. A variável “vitimização” foi codificada a partir da resposta dos escolares que relataram sofrerem *bullying* três ou mais vezes, como sugere a literatura (22, 23).

Para a verificação da percepção da escola como comunidade, foi aplicada a Escala de Percepção da Escola como Comunidade (Epec) validada para o Brasil (24), sendo confirmada uma estrutura composta de 32 itens com consistência interna $\alpha = 0,91$, dividida em três fatores: colaboração, ajuda, proximidade; relações interpessoais e influência do estudante. Os itens foram respondidos em escala do tipo Likert de cinco pontos, variando de 1 – discordo totalmente a 5 – concordo totalmente, para itens com aspectos atitudinais, e de 1 – nunca a 5 – sempre, no caso de itens com aspectos comportamentais, seguindo as recomendações do estudo original de validação da escala (24).

Para a análise dos dados, foi construído e validado um banco de dados no programa Epi Info®, versão 3.5.1, que foi exportado para o software Statistical Package for Social Sciences (SPSS®) para Windows, versão 18.0. Para caracterizar o perfil sociodemográfico, familiar, acadêmico e de convívio escolar dos alunos avaliados, foram calculadas as frequências observadas e percentuais. Para tipificar as formas de *bullying*, adotou-se um estudo de referência (25). Na avaliação da associação dos perfis dos alunos com a vitimização, foram construídas as tabelas de contingência e aplicado o teste qui-quadrado para independência. Nos casos em que as suposições do teste não foram satisfeitas, aplicou-se o teste exato de Fisher. Ainda, para os fatores que apresentaram associação com a vitimização, foi calculada a razão de prevalência (RP) e o intervalo de confiança (IC) para comparar o risco para a vitimização dos alunos com perfil de maior exposição. Na avaliação da escala Epec entre o grupo de vitimização e sem vitimização, foram calculados as médias e o desvio-padrão da escala, e feita a comparação pelo teste t de Student. A comparação da distribuição da classifica-

ção da escala Epec entre o grupo com e sem a vitimização foi feita pelo teste qui-quadrado para homogeneidade. Todas as conclusões foram tiradas considerando o nível de significância de 5%.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, sob o número 2.308.844. Antes de responderem aos instrumentos, os adolescentes assinaram um termo de assentimento e, para os seus pais ou responsáveis, um termo de consentimento livre e esclarecido.

Resultados

Foram avaliados 392 estudantes, dos quais 91 (23,2%) apresentaram vitimização, com proporção maior no sexo masculino ([49] 23,8%), do 6º ano do ensino fundamental II (são as séries do 6º ao 9º ano da Educação Básica brasileira) e na idade de 15 a 16 anos. Na Tabela 1, está apresentada a distribuição da vitimização segundo os fatores sociodemográficos, familiares, acadêmicos e de convívio escolar dos alunos. Verifica-se que, de todos os fatores avaliados, os únicos que apresentaram significância estatística foram aula de reforço ($p = 0,045$) e quantidade de vezes que ficou sozinho(a), com destaque para a frequência de cinco vezes ou mais ($p < 0,001$). Os estudantes que participavam de aula de reforço apresentaram 1,48 risco de ser vítima de *bullying* (RP = 1,48; IC 95% = 1,02-2,16), quando comparado com os estudantes que não participavam desse tipo de aula. Mesmo não significativo, as vítimas apresentaram um percentual maior de casos de repetição, com maior observância na frequência de duas vezes durante a vida escolar. Para a solidão, os estudantes que ficaram sozinhos cinco ou mais vezes nos últimos três meses apresentaram um risco de 3,27 vezes de vitimização (RP = 3,27; IC 95% = 2,04-5,22) em comparação com aqueles que nunca ficaram sozinhos. Mesmo sem significância estatística, destaca-se a maior ocorrência do relato de não possuírem amigos da turma pelos estudantes vítimas. Além disso, identificou-se que a maior parte dos estudantes envolvidos na vitimização eram provenientes de famílias com menor renda familiar.

Tabela 1. Distribuição da vitimização por *bullying* segundo os fatores sociodemográficos, familiares, acadêmicos e de convívio escolar dos adolescentes. Recife, Pernambuco, Brasil, 2018

Fator avaliado	n	%	Vitimização		RP	IC 95% (RP)	p-valor
			Sim (n = 91; 23,2%)	Não (n = 301; 76,8%)			
Sexo							
Masculino	206	52,6	49(23,8%)	157(76,2%)	1,05	0,73-1,51	0,778 ¹
Feminino	186	47,4	42(22,6%)	144(77,4%)	1,00	-	
Idade							
De 9 a 10 anos	5	1,3	1(25,0%)	3(75,0%)	1,15	0,21-6,42	0,963 ²
De 11 a 12 anos	170	43,4	40(23,5%)	130(76,5%)	1,08	0,73-1,60	
De 13 a 14 anos	170	43,4	37(21,8%)	133(78,2%)	1,00	-	
De 15 a 16 anos	39	9,9	10(25,6%)	29(74,4%)	1,18	0,64-2,16	
De 17 a 18 anos	8	2,0	2(25,0%)	6(75,0%)	1,15	0,33-3,94	

Fator avaliado	n	%	Vitimização		RP	IC 95% (RP)	p-valor
			Sim (n = 91; 23,2%)	Não (n = 301; 76,8%)			
Renda familiar							
Até 1 SM*	144	46,2	42(29,2%)	102(70,8%)	1,29	0,86-1,94	0,649 ¹
De 1 a 3 SM	133	42,6	30(22,6%)	103(77,4%)	1,00	-	
De 3 a 5 SM	22	7,1	6(27,3%)	16(72,7%)	1,21	0,57-2,56	
Mais de 5 SM	13	4,2	3(23,1%)	10(76,9%)	1,02	0,36-2,90	
Ano escolar							
6º ano	115	28,6	32(27,8%)	83(72,2%)	1,37	0,89-2,09	0,348 ¹
7º ano	157	39,2	32(20,4%)	125(79,6%)	1,00	-	
8º ano	129	32,2	27(22,5%)	93(77,5%)	1,10	0,70-1,74	
Repetiu de ano							
Não	173	44,5	37(21,5%)	163(78,5%)	1,15	0,79-1,66	0,464 ¹
Sim	216	55,5	53(25,5%)	136(74,5%)	1,00	-	
Número de vezes que repetiu							
Uma vez	91	57,2	19(20,9%)	72(79,1%)	1,25	0,47-3,34	0,840 ¹
Duas vezes	44	27,7	10(22,7%)	34(77,3%)	1,36	0,48-3,89	
Três ou mais vezes	24	15,1	4(16,7%)	20(83,3%)	1,00	-	
Aula de reforço							
Não	281	72,8	56(19,9%)	225(80,1%)	1,00	-	0,045 ¹
Sim	105	27,2	31(29,5%)	74(70,5%)	1,48	1,02-2,16	
Número de melhores amigos ou amigas da sua turma							
Nenhum	27	7,1	8(29,6%)	19(70,4%)	1,53	0,77-3,05	0,689 ¹
De 1 a 2 amigos	63	16,7	15(23,8%)	48(76,2%)	1,23	0,69-2,19	
De 3 a 4 amigos	119	31,5	23(19,3%)	96(80,7%)	1,00	-	
De 5 a 6 amigos	94	24,9	25(26,6%)	69(73,4%)	1,38	0,84-2,26	
Mais de 6 amigos	75	19,8	17(22,7%)	58(77,3%)	1,17	0,67-2,05	
Quantas vezes você ficou sozinho(a), porque os outros alunos ou alunas não queriam a sua companhia?							
Nunca fiquei só	303	77,3	51(16,8%)	252(83,2%)	1,00	-	< 0,001 ²
Uma ou duas vezes nos últimos três meses	57	14,5	24(42,1%)	33(57,9%)	2,50	1,69-3,71	
Três ou quatro vezes nos últimos três meses	12	3,1	5(41,7%)	7(58,3%)	2,48	1,21-5,06	
Cinco ou mais vezes nos últimos três meses	20	5,1	11(55,0%)	9(45,0%)	3,27	2,04-5,22	

Nota: *salário-mínimo: R\$ 954,00/USD\$ 244,61 (cálculo para o ano de 2018).

¹p-valor do teste qui-quadrado para independência.

²p-valor do teste exato de Fisher.

Na Tabela 2, apresenta-se a distribuição dos tipos de *bullying* segundo o sexo e a idade dos estudantes. Quanto ao sexo, os tipos de *bullying* com significância estatística foram verbal/moral ($p = 0,006$) e físico ($p < 0,001$). Houve maior prevalência do *bullying* verbal/moral no grupo de alunos do sexo feminino (43%) em comparação ao grupo masculino (29,6%). Além disso, o risco de o grupo feminino ser vítima de *bullying* verbal/moral dentro da escola é 1,45 vezes maior que os alunos do sexo masculino (RP = 1,45; IC 95% = de 1,11 a 1,90). No *bullying* físico, a maior prevalência foi no grupo de alunos do sexo masculino (11,7%) em comparação ao grupo do sexo feminino (2,2%). O risco de os meninos sofrerem *bullying* físico foi de 5,42 vezes maior que o risco de uma menina sofrer esse tipo de violência (RP = 5,42; IC 95% = de 1,92 a 15,32). Para a faixa etária, não foi encontrada significância estatística no teste de homogeneidade de ocorrência dos *bullying*.

Tabela 2. Distribuição dos tipos de *bullying* segundo o sexo e a idade dos adolescentes. Recife, Pernambuco, Brasil, 2018

Tipo de <i>bullying</i>	Sexo				Valor de p	RP IC (95%)	Idade				Valor de p	RP IC (95%)
	Masc.		Fem.				De 10 a 14		De 15 a 19			
	n	%	n	%			n	%	n	%		
Verbal/moral												
Sím	61	29,6	80	43,0	0,006 ¹	1,45 (1,11-1,90)	123	35,7	17	36,2	0,945 ¹	1,01 (0,68-1,52)
Não	145	70,4	106	57,0			222	64,3	30	63,8		
Material												
Sím	39	18,9	44	23,7	0,253 ¹	1,25 (0,85-1,83)	74	21,4	9	19,1	0,717 ¹	1,12 (0,60-2,08)
Não	167	81,1	142	76,3			271	78,6	38	80,9		
Psicológico												
Sím	12	5,8	16	8,6	0,286 ¹	1,48 (0,72-3,04)	26	7,5	2	4,3	0,556 ²	1,77 (0,43-7,22)
Não	194	94,2	170	91,4			319	92,5	45	95,7		
Social												
Sím	10	4,9	8	4,3	0,794 ¹	1,13 (0,46-2,80)	15	4,3	3	6,4	0,464 ²	1,47 (0,44-4,88)
Não	196	95,1	178	95,7			330	95,7	44	93,6		
Físico												
Sím	24	11,7	4	2,2	<0,001 ¹	5,42 (1,92-15,32)	25	7,2	2	4,3	0,757 ²	1,70 (0,42-6,96)
Não	182	88,3	182	97,8			320	92,8	45	95,7		
Racial												
Sím	6	2,9	9	4,8	0,321 ¹	1,66 (0,60-4,58)	14	4,1	1	2,1	1,000 ²	1,91 (0,26-14,17)
Não	200	97,1	177	95,2			331	95,9	46	97,9		
Virtual												
Sím	2	1,0	3	1,6	0,671 ¹	1,66 (0,28 - 9,83)	4	1,2	1	2,1	0,474 ²	1,84 (0,21-16,07)
Não	204	99,0	183	98,4			341	98,8	46	97,9		

Nota: ¹: p -valor do teste qui-quadrado para homogeneidade; ²: p -valor do teste exato de Fisher.

A Tabela 3 apresenta comparações dos escores da Epec segundo a vitimização por *bullying*. Verificou-se que o grupo de adolescentes vítimas tiveram menores escores com diferença significativa

($p < 0,05$) nos domínios “colaboração, ajuda e proximidade” ($p = 0,0097$), “relações interpessoais positivas” ($p = 0,0181$) e no escore geral da escala ($p = 0,0376$), o que indica que a vitimização parece interferir no sentimento de pertença e identificação com a comunidade escolar.

Tabela 3. Comparação dos escores da Escala de Percepção da Escola como Comunidade segundo a vitimização por *bullying*. Recife, Pernambuco, Brasil, 2018

Domínio avaliado da Epec	Média \pm DP n (%)	Vitimização		p-valor
		Sim (n = 91; 23,2%)	Não (n = 301; 76,8%)	
D1 – colaboração, ajuda proximidade	50,50 \pm 15,72	46,73 \pm 12,96	51,10 \pm 14,89	0,0097 ¹
D2 – relações interpessoais positivas	22,39 \pm 6,17	20,12 \pm 5,06	24,28 \pm 6,49	0,0181 ¹
D3 – influência do estudante	12,93 \pm 4,38	12,74 \pm 4,34	12,98 \pm 4,40	0,651 ¹
Escore total da Epec	86,62 \pm 22,70	84,75 \pm 18,00	87,20 \pm 20,92	0,0376 ¹

Nota: DP: desvio padrão; ¹: p-valor do teste t de Student para amostras independentes.

Discussão

Este estudo encontrou taxas de prevalência para a vitimização similares a outros contextos socio-culturais, o que sugere a existência de dinâmicas semelhantes no desenvolvimento e ocorrência do *bullying*, apesar das distâncias geográficas, linguísticas e culturais (26). O maior envolvimento de adolescentes do sexo masculino na vitimização converge com outros estudos (27, 28), o que indica que os meninos estão mais propensos a se tornarem vítimas das formas diretas de *bullying*, ao contrário das meninas, que são vítimas das formas indiretas (23), como xingamentos, ofensas, provocações, difusão de rumores, confirmadas neste estudo. No quesito “idade”, houve maior percentual de estudantes mais velhos de 15 a 16 anos e do 6º ano, mas sem diferença estatística. A literatura nacional e internacional menciona que a idade se comporta como um fator de proteção (29), uma vez que adolescentes mais velhos assumem características que os tornam protegidos da vitimização (30).

Ser vítima de *bullying* está relacionado a dificuldades acadêmicas, evasão escolar e repetência (31-33). Isso porque um ambiente violento empobrece as relações sociais e limita o desenvolvimento de sentimentos empáticos, essenciais na aprendizagem e na formação cidadã, além do aumento do medo e da percepção da escola como lugar inseguro (34). Neste estudo, identificamos que os adolescentes vítimas frequentam mais aulas de reforço em turnos extras, o que revela associação entre dificuldades de aprendizagem e vitimização. Ampliando o dado anterior, as vítimas também apresentaram maior repetição de ano escolar. Ressalta-se que esse problema não é pontual e tampouco circunscrito a dificuldades na aquisição de conteúdos acadêmicos. Mostra uma situação que atravessa o contexto escolar e pode acarretar o desenvolvimento de expectativas negativas com relação à educação, inviabilizando projetos de vida, inserção no mundo do trabalho e a conquista do bem-estar social.

Ademais, encontramos associação significativa entre vitimização e relatos pelos adolescentes de solidão na escola: quanto mais vezes ficaram sozinhos, maior foi o risco de sofrer *bullying*. A maior parte das vítimas de ambos os sexos também relataram não ter melhores amigos, o que reforça o dado anterior. Outros países da América Central mostram frequência comum da solidão em escolares e a ausência de amigos próximos (35). As interações sociais fornecem suporte afetivo e emocional e possibilidades de fortalecer o desenvolvimento das habilidades sociais, importantes para o enfrentamento da vitimização (9, 26). Destarte, não possuir amigos e problemas de integração social são preocupantes por serem aspectos promotores da autoconfiança, autoimagem e qualidade de vida (36). A experiência da solidão e relacionamentos fracos com os pares, somada às dificuldades acadêmicas identificadas neste estudo, propicia um cenário para a desconstrução da satisfação com a vida escolar e a desconexão social, bem como repercussões no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, os quais estão atrelados à manutenção do ciclo da vitimização (37).

Merece ser destacado o perfil de vulnerabilidade social das famílias da maioria dos escolares vítimas deste estudo, cujos pais têm baixa renda mensal. Estudos mostram que o maior risco de *bullying* esteve associado a contextos de desigualdades de renda e altas taxas de pobreza (38, 39), e de forma mais ampla considerando o grau de proteção do bem-estar social de uma sociedade (40). Demonstrou-se ainda que o maior risco de sofrer vitimização por *bullying* esteve relacionado a problemas sociais produzidos estruturalmente, como condições precárias de vida e falta de higiene (41). Essa realidade insere o *bullying* no debate dos determinantes sociais, o que confere complexidade a sua teia de manifestação e desafios para os programas de intervenções.

A relação entre senso de pertencimento escolar e vitimização foi confirmada por este estudo. Especificamente, os adolescentes vítimas tiveram menores percepções em questões relacionadas a sentimentos de reciprocidade, relações de respeito entre os alunos e entre estes e os professores, aprendizagem em colaboração e ambiente de cooperação e ajuda. Trata-se de um achado importante, que sinaliza para a necessidade de melhorar a construção dos vínculos afetivos, por experiências de aprendizagens compartilhadas e o investimento nas potencialidades dos adolescentes para atuarem como protagonistas de sua história de vida (42).

O ensino voltado ao interesse dos alunos os torna mais propensos ao envolvimento educacional na aprendizagem quanto a aquisição do sentimento de pertencimento à comunidade escolar (43). Estudos revelam que más relações com os colegas da sala e a falta de engajamento acadêmico estão associados à vitimização por *bullying* (31), enquanto o senso de pertencimento à escola pode ser um fator protetor para a vitimização (44). Segundo Hodges (45), a conectividade escolar é também um precursor do sucesso acadêmico e do rendimento escolar, o que possivelmente explica as dificuldades de aprendizagem observadas nos adolescentes vítimas deste estudo.

À medida que o adolescente percebe a escola como um espaço de colaboração e aprendizagem, com atividades agradáveis, terá a possibilidade de se responsabilizar pelas atividades exercidas na escola, respeitando suas normas e se comprometendo com atitudes de cooperação e ajuda capazes de ressignificar o ambiente escolar. Dessa forma, o estudante se sente valorizado e integrado à comunidade escolar, e os comportamentos violentos são desestimulados, com decréscimo das vitimizações (46). A escola que promove o acolhimento e reconhecimento das potencialidades dos estudantes, criando ambientes formais e informais de expressão, amplia as possibilidades de envolvimento com a comunidade escolar e, por conseguinte, desenvolve o sentimento de pertencimento (47).

Assim, os programas de intervenção devem considerar a promoção de relacionamentos horizontais dos alunos com professores e colegas com uma mudança na cultura escolar, criando formas de aprendizagem focadas nas descobertas de talentos estudantis, no protagonismo e no engajamento e, principalmente, trabalhar o sentimento de pertencimento à escola com alegria e criatividade. Nesse cenário, surge a colaboração da enfermeira escolar no planejamento e implementação de estratégias educativas participativas em saúde comprometidas com a inclusão e o protagonismo dos adolescentes em ações escolares voltadas à prevenção do *bullying* (48). Mesmo sendo um campo profissional ainda em consolidação, é possível encontrar evidências sobre os benefícios para os estudantes e a comunidade escolar como um todo, quando se tem a enfermeira presente na escola, sobretudo relacionados à defesa e à proteção dos direitos das crianças e adolescentes, garantindo seu crescimento digno e saudável (49).

Quanto às limitações do estudo, o fato de o estudo ter sido regional, com adolescentes de escola inserida em contexto de vulnerabilidade social, selecionados por conveniência, impossibilita extrapolar os dados para outros contextos socioculturais; além disso, o desenho transversal não permite medir a causalidade e, finalmente, o instrumento de autorrelato para identificar o *bullying* pode apresentar viés de memória. Nesse sentido, recomenda-se que estudos futuros longitudinais sejam voltados para as variáveis de convívio e para o engajamento escolar na vitimização, a partir da consideração do gênero, do contexto familiar e escolar e do papel do professor.

Conclusões

A investigação quanto à relação entre vitimização e percepção da escola como comunidade proposta neste estudo aponta que a ausência de um ambiente de aprendizagem colaborativo, cooperativo e de ajuda e respeito mútuos, assegurando atitudes solidárias e de reciprocidade, estiveram associadas aos adolescentes escolares vítimas de *bullying*. Dificuldades acadêmicas e variáveis de convívio escolar, como a solidão, também desempenham um papel relevante na vitimização por *bullying*.

Salientamos que a persistência do *bullying* nas escolas retrata um cenário de tolerância desse comportamento, debatido apenas no campo da ética, do desvio de conduta ou da indisciplina. Portanto, faz-se necessária uma compreensão ampliada que insira o fenômeno na agenda da saúde, uma vez que gera prejuízos ao desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Nesse contexto, a enfermeira escolar ocupa posição privilegiada na proposição de intervenções de caráter intersetorial que visem, principalmente, incentivar relações saudáveis e harmônicas entre os atores escolares, maior engajamento e conexão do adolescente à escola, e resgate dos valores humanos e sociais, fundamentais na formação cidadã.

Conflito de interesse

Os autores declaram não ter conflito de interesses.

Apoio financeiro

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Brasil, código do financiamento 001.

Referências

- (1) Menesini E; Salmivalli C. Bullying in schools: The state of knowledge and effective interventions. *Psychol Health Med*. 2017;22(sup 1):240-253. <https://doi.org/10.1080/13548506.2017.1279740>
- (2) Olweus D. School bullying: Development and some important challenges. *Annu Rev Clin Psychol*. 2013;9:751-780. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
- (3) Hansson E; Garmy P; Vilhjálmsdóttir R; Kristjánsson G. Bullying, health complaints, and self-rated health among school-aged children and adolescents. *J Int Med Res*. 2020;48(2):1-9. <https://doi.org/10.1177/0300060519895355>
- (4) Swearer SM; Hymel S. Understanding the psychology of bullying: Moving toward a social-ecological diathesis-stress model. *Am Psychol*. 2015;70(4):344-353. <https://doi.org/10.1037/a0038929>
- (5) Institute of Education Sciences (IES). National Center for Education Statistics (NCES). Student reports of bullying: Results from the 2017 school crime supplement to the National Crime Victimization Survey. IES-NCES; 2019. <https://nces.ed.gov/pubs2019/2019054.pdf>
- (6) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial*. Brasília: Unesco; 2019. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>
- (7) Herrera-López M; Romera EM; Ortega-Ruiz R. Bullying y cyberbullying en Latinoamérica. Un estudio bibliométrico. *Rev. mex. investig. educ*. 2018;23(76):125-155. <https://bit.ly/46tLl6T>
- (8) Mello FCM; Malta DC; Santos MG; Silva MMA; Silva MAI. Evolution of the report of suffering bullying among Brazilian schoolchildren: National Scholl Health Survey – 2009 to 2015. *Rev Bras Epidemiol*. 2018;21(suppl1):e180015. <https://doi.org/10.1590/1980-549720180015.supl.1>
- (9) Aboagye RG; Seidu AA; Hagan JE; Frimpong JB; Okyere J; Cadri A et al. Bullying victimization among in-school adolescents in Ghana: Analysis of prevalence and correlates from the Global School-based Health Survey. *Healthcare*. 2021;9(3):292. <https://doi.org/10.3390/healthcare9030292>
- (10) Fabbri C; Powell-Jackson T; Leurent B; Rodrigues K; Shayo E; Barongo V et al. School violence, depression symptoms, and school climate: A cross-sectional study of Congolese and Burundian refugee children. *Confl Health* 2022;16:42. <https://doi.org/10.1186/s13031-022-00475-9>
- (11) Turner HA; Mitchell KJ; Jones LM. Peer victimization patterns and trauma symptoms in a national longitudinal sample of youth. *Violence Vict*. 2020;35(2):143-159. <https://doi.org/10.1891/vv-d-18-00179>
- (12) Li L; Chen X; Li H. Bullying victimization, school belonging, academic engagement and achievement in adolescents in rural China: A serial mediation model. *Child Youth Serv Rev*. 2020;113:104946. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.104946>
- (13) Jomar RT; Fonseca VAO; Ramos DO. Effects of sexual orientation-based bullying on feelings of loneliness and sleeping difficulty among Brazilian middle school students. *J Pediatr*. 2021;97(2):233-241. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2020.03.005>
- (14) Baiden P; Tadeo SK. Investigating the association between bullying victimization and suicidal ideation among adolescents: Evidence from the 2017 Youth Risk Behavior Survey. *Child Abuse Neglect*. 2020;102:104417. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104417>
- (15) Kowalski RM; Limber SP. Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying. *J Adolescent Health*. 2013;53(1 suppl):S13-S20. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.09.018>
- (16) Eccles JS; Roeser RW. Schools as developmental contexts during adolescence. *J Res Adolesc*. 2011;21(1 spe):225-241. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00725.x>
- (17) Chen JK; Wu C; Wang LC. Longitudinal associations between school engagement and bullying victimization in school and cyberspace in Hong Kong: Latent variables and an autoregressive cross-lagged panel study. *School Mental Health*. 2021;13:462-472. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09439-5>
- (18) Archangelo A; Luz TMR; Campanaro CR; Rodrigues IA. Sentimento de pertencimento e desenvolvimento da moralidade na escola. *Psic: Teor Pesq*. 2021;37:e372115. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e372115>
- (19) Dorio NB; Secord Fredrick S; Demaray MK. School engagement and the role of peer victimization, depressive symptoms, and rumination. *J Early Adolesc*. 2019;39(7):962-992. <https://doi.org/10.1177/0272431618797007>
- (20) Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Nota Informativa do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB; 2021. <https://bit.ly/3pj5v2E>
- (21) Barbosa AJG. Questionário de Bullying. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora; 2019.
- (22) Zequinão MA; Medeiros P; Lise FA; Trevisol MTC; Pereira MBFLO. Associação entre bullying escolar e o país de origem: um estudo transcultural. *Rev Bras Educ*. 2019;24:e240013. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240013>
- (23) Silva MAI; Pereira B; Mendonça D; Nunes B; Oliveira WA. The involvement of girls and boys with bullying: An analysis of gender differences. *Int J Environ Res Public Health*. 2013;10(12):6820-6831. <https://doi.org/10.3390/ijerph10126820>
- (24) Fonseca PN; Gouveia VV; Medeiros ED; Gouveia RSV; Cavalcanti JPN. Escala de percepção da escola como comunidade: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Arq bras psicol*. 2010;62(1):135-147. <https://bit.ly/4dvRVMu>
- (25) Olweus D. The Olweus Bullying Prevention Programme: Design and implementation issues and a new national initiative in Norway. In: Smith PK; Pepler D; Rigby K; eds. *Bullying in schools: How successful can interventions be?* Cambridge: Cambridge University Press; 2004. p. 13-36. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511584466.003>
- (26) Cardozo G. Factores vinculados al bullying en escolares de Córdoba, Argentina. *Liber*. 2021;27(1):e459. <https://bit.ly/4f1zaa5>
- (27) Marcolino EC; Cavalcanti AL; Padilha WVN; Miranda FAN; Clementino FS. Bullying: Prevalence and factors associated with victimization and aggression in the school quotidian. *Texto contexto enferm*. 2018;27(1):e5500016. <https://doi.org/10.1590/0104-0702018005500016>
- (28) Elmahdy M; Maashi NA; Hakami SO; Fathi MA; Alsuri HI; Hezymi SH et al. Prevalence of bullying and its association with health-related quality of life among adolescents in Jazan: A cross-sectional study. *Cureus*. 2022;14(8):e28522. <https://doi.org/10.7759/cureus.28522>

- (29) Malta DC; Porto DL; Crespo CD; Silva MMA; Andrade SSC; Mello FCM et al. Bullying in Brazilian school children: Analysis of the national adolescent school-based health survey (Pense 2012). *Rev Bras Epidemiol.* 2014;17(sup. 1):92-105. <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400050008>
- (30) Veloso VR; Costa FBS; Marques CCA; Andrade JX; Miranda CES; Araújo RSRM. Suffering from bullying and associated factors in Brazilian students aged 13 to 17 years old: A population study. *Rev Bras Epidemiol.* 2020;23:e200097. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200097>
- (31) Yu S; Zhao X. The negative impact of bullying victimization on academic literacy and social integration: Evidence from 51 countries in PISA. *Soc Sci Humanit Open.* 2021;4(1):100151. <https://doi.org/10.1016/j.ssoho.2021.100151>
- (32) Kibriya S; Xu ZP; Zhang Y. The negative consequences of school bullying on academic performance and mitigation through female teacher participation: Evidence from Ghana. *App Econ.* 2017;49(25):2480-2490. <https://doi.org/10.1080/00036846.2016.1240350>
- (33) Miskimon K; Jenkins LN; Kaminski S. Direct and indirect effects of bullying victimization on academic performance and mental health among secondary school students. *Sch Ment Health.* 2023;15:220-230. <https://doi.org/10.1007/s12310-022-09545-y>
- (34) Mbah RM. The perception of students about school bullying and how it affects academic performance in Cameroon [dissertação de mestrado]. Memorial University of Newfoundland; 2020. <https://doi.org/10.48336/6KA2-2F62>
- (35) Pengpid S; Peltzer K. Prevalence and associated factors of loneliness among national samples of in-school adolescents in four Caribbean Countries. *Psychol Rep.* 2021;124(6):2669-2683. <https://doi.org/10.1177/0033294120968502>
- (36) Palermiti AL; Bartolo MG; Musso P; Servidio R; Costabile A. Self-esteem and adolescent bullying/cyberbullying and victimization/cybervictimization behaviours: A person-oriented approach. *Eur J Psychol.* 2022;18(3):249-261. <https://doi.org/10.5964/ejop.5379>
- (37) Marthoenis D; Nassimbwa J. Prevalence and factors associated with loneliness among Indonesian female adolescents: A cross-sectional study. *BMC Women's Health.* 2022;22:328. <https://doi.org/10.1186/s12905-022-01909-5>
- (38) Azeredo CM; Rinaldi AEM; Moraes CL; Levy RB; Menezes PR. School bullying: A systematic review of contextual-level risk factors in observational studies. *Aggress Violent Behav.* 2015;22:65-76. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.04.006>
- (39) Wang MS; Hong JS; Wei HS; Hwang YT. Multiple level factors associated with bullying victimization in Taiwanese middle school students. *J Sch Violence.* 2019;18(3):375-387. <https://doi.org/10.1080/15388220.2018.1506927>
- (40) Tuttle J; Gimenez G; Barrado B. The societal context of school-based bullying victimization: An application of Institutional Anomie Theory in a cross-national sample. *J Sch Violence.* 2023;22(1):28-43. <https://doi.org/10.1080/15388220.2022.2126850>
- (41) Murshid NS. Poor hygiene and bullying victimization in Pakistan. *Child Youth Serv Rev.* 2018;88:197-204. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.03.016>
- (42) Brandão Neto W; Silva CO; Amorim RRT; Aquino JM; Almeida Filho AJA, Gomes BMR et al. Formation of protagonist adolescents to prevent bullying in school contexts. *Rev Bras Enferm.* 2020;73(suppl1):e20190418. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0418>
- (43) Leurent B; Dodd M; Allen E; Viner R; Scott S; Bonell C. Is positive school climate and adolescent mental health? Longitudinal study of young people associated with better in England. *ssm Ment Health.* 2021;1:100033. <https://doi.org/10.1016/j.ssmmh.2021.100033>
- (44) Bonell C; Beaumont E; Dodd M; Elbourne DR; Bevilacqua L; Mathiot A et al. Effects of school environments on student risk-behaviours: Evidence from a longitudinal study of secondary schools in England. *J Epidemiol Community Health.* 2019;73(6):502-508. <http://doi.org/10.1136/jech-2018-211866>
- (45) Hodges A; Cordier R; Joosten A; Bourke-Taylor H; Speyer R. Evaluating the psychometric quality of school connectedness measures: A systematic review. *PLoS ONE.* 2018;13(9):e0203373. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0203373>
- (46) Chen JK; Wu C; Wang LC. Longitudinal associations between school engagement and bullying victimization in school and cyberspace in Hong Kong: Latent variables and an autoregressive cross-lagged panel study. *Sch Ment Health.* 2021;13:462-472. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09439-5>
- (47) Giugliani C; Cesa KT; Flores EMTL; Mello VR; Robinson PG. The school as a space for social participation and citizenship promotion: The experience of building participation in a school environment. *Saúde Debate.* 2020;44(spe1):64-78. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020S105>
- (48) Kub J; Feldman MA. Bullying prevention: A call for collaborative efforts between school nurses and school psychologists. *Psych Sch.* 2015;52(7):658-671. <https://doi.org/10.1002/pits.21853>
- (49) Martínez-Santos AE; Tizón-Bouza E; Fernández-Morante C; Casal Otero I; Cebreiro B. La Enfermería escolar: contenidos y percepciones sobre su pertinencia en las escuelas inclusivas. *Enferm.Glob.* 2019;18(4):291-323. <http://dx.doi.org/10.6018/eglobal.18.4.344611>